

Redação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Dirigir toda a correspondência ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A LANTERNA

ANTICLERICAL E DE COMBATE

APARECE AOS SÁBADOS

ASSINATURAS:

ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Corteio.

Mais um Julio

Não havia cessado ainda a impressão profunda que causaram no espirito da boa gente carioca as profecias do padre Julio Maria, anunciando a segunda vinda de Cristo, e eis que outro padre Julio nos surge na arena, lá na fronteira portuguesa, querendo revirar de perna para o ar, pôr por terra, tudo á mostra, envergonhada e abandonada de todos, a maldita República lusitana.

Querem conhecer o homem? Aqui vai o seu manifesto publicado no Correio da Manhã de 5 do corrente.

Ei-lo:

«A'S ARMAS!!!

Por Deus! Pela nossa Pátria! Pelo nosso Rei!

Ai iremos com o auxilio de Deus, e varreremos de lá para fóra, e por uma vez, essa canalha maldita, que em nome do demonio nos quer governar e arrastar.

Quando nos virdes em Portugal, levantai-vos todos como um só homem, e ao lado do invencivel Paiva Couceiro, arvorar outra vez nos Paços do vosso concelho a verdadeira Bandeira da nossa Pátria — a nossa Bandeira azul e branca — que essas feras fizeram substituir por um trapo — por um frangalho verde e vermelho — simbolo de desespero, de perseguição, de tirania e de sangue...!!!

Nada mais vos direi, porque sei que falo a um povo crente e que ama a sua pátria!

E' nossa com toda a certeza, a vitória! Pois nunca o demonio poderá vencer o seu Senhor!...

Muita coragem e nada de temer as grotescas arremetidas desses gatos pelados, que querem roubar-nos a nossa Fé, e escravizar e perder o nosso bom povo, que, como um leão que acorda, se levantará indómito para os fazer desaparecer!

Ainda não acabou. Tem mais. Escutem:

«Não somos ateus! Somos crentes! Não somos escravos! Somos livres! Muita coragem! Caminhemos sempre para a frente! E eu, apesar de já um pouco alquebrado, vos darei o exemplo! E se me virdes recuar, um passo só que seja, não me poupei, e fazei-me cair imediatamente aos vossos pés!...

Deus está conosco e por isso não temos que duvidar da certeza do nosso triumpho!»

Um pouquinho mais de paciência. Vai terminar:

«Homens, mulheres, rapazes e crianças! — tudo, todos para o meio da rua — tudo ao lado da Cruz — tudo e todos ao lado da nossa querida Bandeira azul e branca, que, na eloquente frase do nosso intrepido herói e invicto salvador Paiva Couceiro «já sabe de cór o caminho da vitória.

Avante e não temer! Adeus e até lá. — O vosso exilado amigo, padre Julio Candido Cesar.»

Que tal o Julio Candido? Não-de ver como é, com a cruz em uma das mãos e a espada na outra, com Couceiro ao lado, abrirá, desde a fronteira da Espanha até Lisboa, a estrada que levará ao trono o mimoso rei Manuel, o petit roi Chéri dos boulevards parisienses. O Correio trancreve do Primeiro de Janeiro, do Porto, as informações sobre o futuro governo provisório monárquico, e

os personagens aos quais caberão os diversos cargos.

São estes os ocupados pelos seraficos ministros de Cristo: Justiça e Negocios Eclesiásticos, padre Manuel M. de Sá Pereira, reitor de Caminha.

Governadores civis: de Viana, padre José Joaquim Soares Borfido; de Braga, padre Manuel Joaquim Gonçalves.

Administrações de concelhos: Valença, padre Serafim Augusto da Cruz; Caminha, padre Manuel Joaquim Lopes; Viana do Castelo, padre Sebastião Pinto da Rocha; Guimarães, padre Julio Cesar Fernandes; Paredes de Coura, padre Antonio Joaquim Pereira; Ponte da Barca, padre Francisco Antonio Soares da Silva; Santo Tirso, padre José A. da S. Silva Azevedo; Filgueiras, padre Albino José Peixoto; Poços de Ferreira, padre Firmino Barbosa de Miranda; Paredes, padre Francisco da Cunha Lima; Povoia de Lanhoso, padre Adelino da Costa Gaite; Famalicão, padre Joaquim Dias Costa.

Por enquanto, é só!

Ah! o Correio tem dado sorte a valer. A sua edição do dia 5, dizem, esgotou-se completamente, tal a procura que teve, porque todos queriam possuir o manifesto de Julio Cesar. Foi tanta a alegria, que ainda hoje perdura, que o vinho tende a subir de preço, porque nestas occasiões não se bebe parati nem cerveja marca barbante. E' só do fino e do bom.

Que se agüente tambem no balanço a gente do diabo, os gatos pelados cá de casa. Uma prova disto já teve o Prestes na noite do mesmo dia em que foi lançado aos quatro ventos o famoso manifesto do novo paladino luso. A explosão do entusiasmo e da alegria seguiu-se logo, com diferença apenas de horas, a explosão de Copacabana, na toca mesmo da fera.

Já começou, portanto, a dançar As oficinas onde se fabricava a brutal, em Portugal, foram varejadas e tomadas, ha dois anos, pelos carbonários, porém os artifices aqui estão sob a guarda de Cristo e da Virgem, neste paiz que é seu.

Não o afirmou o profeta Julio?

«O Brasil pertence a Cristo, tem ao mesmo direito de posse. Tira o Brasil esta religião, é expulsar Deus.»

Portanto, quem não for católico, mesmo que aqui tenha nascido ou constituído familia, é um inimigo, tem de ser tratado com um réprobo, como um cancro que só o ferro pode extirpar, como fôco perigoso de peste assoladora que só pelo fogo pode ser destruido.

Os dois Julios, o Maria e o Cesar, são dois camaradas com quem não se brinca. O que eles dizem pode-se dizer que dá certo mesmo.

Logo, a restauração da monarchia portuguesa e a vinda de Cristo não podem falhar: é só esperarmos um pouquinho mais!

O diabo é que depois será a fim do mundo!

—O' reverendos, sabem o que está aqui ao lado algum a dizer, salvo o vosso respeito? E' que vossas reverendissimas andam p'raí a nos passar o conto do vigário!

Adrecoal.

Rio, 7-7-912.



NO 830

É representante da Lanterna no Rio o nosso amigo Cecilio Villas, que poderá ser encontrado á rua do Bonfim, 190. Da cobrança das assinaturas está encarregado o companheiro Santos Barbosa.

«E olhei, e ouvi uma aguia que voava pelo meio do céu, dizendo com uma grande voz: «Ai, ai, ai dos que habitam sobre a terra».

(O APOCALIPSE HA DOIS MIL ANOS E O PROFETA JULIO NO SÉCULO XX).



— Tremei, ó vós que ousastes pôr em dúvida a santidade dos Faustinos!...

CONFETIOS BIBLICOS

Por motivos particulares, tive a confeitaria fechada durante muitas semanas, deixando de servir ao leitor estes singelos confetios, em cuja preparação não entram ingredientes caros e indigestos (exegese scientifica, mitologia comparada, etc.), mas apenas a troça leve. Coisinhas para entreter os dentes e o paladar, não para encher a barriga e dar gordura.

Recomecemos, pois, visto que já houve tempo para passar o enjôo...

Entremos agora no Exodo, que querendo por sinal, dizer «saída», ha-de ter bem difficil entrada!

Depois da morte daquele grande finório do José, que adivinhava com uma taça, os descendentes de Israel instalados no Egipto continuaram a crescer e a multiplicar-se como formigas, e também como formigas a trabalhar, mas não como elas por conta própria.

Um rei que não conhecia o adivinho da taça, teve medo do número, força e laboriosidade dos hebreus e determinou um acréscimo de rigores, de vexames e de exploração. Os israelitas foram empregados nas tarefas mais rudes e mortíferas, na construção de cidades e na lavoura. Mas a tal «multiplicação» continuava velozmente!

Então o rei ordenou ás parteras dos hebreus, Séfora e Fua, que matassem todos os recém-nascidos do sexo masculino. Mas as mulherzinhas, tementes a Deus (que entretanto não livrava o

seu povo da exploração e dos vexames), não cumpriram a ordem, explicando que as hebreias se sabiam partear a si próprias.

Para pagar esta boa acção, Deus estabeleceu ás parteras as suas casas, isto é, instalou-se com os confortos mais modernos, aparelhos perfectos, automóvel, linda taboleta á porta com um belo bebê pintado e os dizeres, em hebraico: «Séfora e Fua, parteras de r.ª classe, diplomadas pelas Universidades de Berlim e de Paris».

E fez muito mais: recomendou vigorosamente ao seu povo o seu famoso «crescei e multiplicai-vos». Esse bom povo que, quanto mais oprimido, mais se multiplicava, «cresceu e fortificou-se extraordinariamente!» A parteras não tiveram mãos a medir!

O Confeitiro.



Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Em assembleia geral realizada no dia 4 do corrente, foram eleitos:

- 1.º secretário, o actual 2.º sr. Carlos Augusto de Lacerda; 2.º secretario, o sr. Amílcare Boni; membro da Comissão Administrativa, sr. Herculano dos Santos.

Continuam as palestras todas as quintas-feiras, depois das sessões.

EM BAURU'

Um repto aceito e... recusado

Qual a verdadeira origem do Cristianismo?

Esfalfam-se os apologistas cristãos, numa dialectica que tem muito de malabarista a desengonçar-se em trejeitos clounescos, em pretender demonstrar a origem divina da ferocissima seita de que são prosélitos.

Aduzem argumentos tresandando a uma metafisica onde o bom senso se obscurece por completo, e, falhando-lhe totalmente sólidas bases em que deviam architectar o carcomido edificio de suas crenças, apellam para o milagre, fantástico e sombrio refugio onde se acocila, temendo a luz, a evangelical ignorancia.

Mas em história o milagre foi banido, ainda que contra esse lógico e racional processo clamem, furiosos, os sacros ministros dessa religião que tem sido a causa dos maiores flagélos que têm dizimado a infeliz humanidade. Banido o milagre o que nos resta é demonstrar, pelos conhecimentos que nos são ministrados modernamente pela psicologia, que o cristianismo surgiu no mundo por causas diversas que apontaremos, mas nunca em cumprimento a um pretenso édito divinal.

Historicamente, é impossivel determinar a era exacta em que a perversa e fatídica religião missionica começou a formar-se. O que existe anteriormente á forjicação dos evangelhos, é um conjunto de lendas, poéticas e belas umas, outras absurdas e irritantes, porque ofendem a rudimentar instrução dum cérebro mediocremente desenvolvido. São novélas em que vemos pombas, representando o santo espirito, confabularem com os predestinados. São trágicas, schakespeareanas scenas em que o furor divino rápida e impiedosamente castiga, com estranhos golpes que escapam á sciencia hipocritica, os pototados que ousam punir os desmandos, as desordens, que praticam os que seguiam os ensinamentos do fantástico rabi da Galiléa. Nos coliseus, em que se vai presenciar o horrído espectáculo de feras devorarem homens, estaca-se ante a mansidão repentina dum tigre que recusa a presa que lhe ofereciam, antes vai anichar-se, passivo, como um cão fiel, aos pés do individuo condemnado ao suplicio! Era um milagre! Nas fogueiras, as chamas, lambendo as carnes dos mártires cristãos, não chegam sequer a tostar-lhes as carnes. Antes estes sorriem triunfantes, e, extinto o fogo, os cristãos surgem mais belos, mais cheios de vida, a enervarem o ambiente com o capitoso perfume de santidade! Tal é a pretensa veracidade histórica com que se pretende provar a origem divina do divo cristianismo... Socorrem-se, ainda, os arautos dos evangelhos da profecia. A destruição de Jerusalém foi predita pelo Nazareno que, contemplando o templo, com ares demagógicos, afirmou que não ficava pedra sobre pedra... E' o primordial argumento.

Entretanto esquecem-se, os ingenuos e simples doutores, que os inumeros evangelhos em que se tratava dum suposto messias que viria libertar os judeus do jugo romano, só começaram a proliferar lá pelos meados do segundo século, e que a destruição de Jerusalém pelo impiedoso Tito ocorreu no

ano 70 da era que se convençionou em chamar cristã!

Não se diga que estamos inventando. O mais antigo documento que se relaciona com o ensino dos apóstolos de Cristo, não é anterior ao ano 140. Antes dessa época, «a literatura cristã anterior ao meiodo do século segundo é escassa e fragmentária» — confessa George Tarck Fisher («Manual de evidências do cristianismo», pags. 38 e 39) — e, portanto, o pretender estabelecer, exactamente, o surgimento sobrenatural dessa religião é tão irracional de dificuldades intransponiveis quanto seria o desejar-se fixar-lhe historicamente a data do seu aparecimento. Neste caso, repelem-se as duas fontes. A origem divina é uma lenda. A origem histórica é um enigma.

A autenticidade dos evangelhos é improvavel. Os próprios apologistas do messianismo, e mesmo um escritor sagrado, são acordes em afirmar que muitos escreveram as maravilhas operadas por Jesus. Lucas, nos tres primeiros versiculos de seu escrito, o assegura, e por isso éle tambem se julgou no direito de contar uma história, muito semelhante ás das «Mil e uma noites», que em nossos dias ainda fazem estarecer de pavor ou as emocionam agradavelmente as crianças, que jazem sob um péssimo, nefasto e prejudicial regimen educativo.

Lucas não diz quem foram os muitos que o precederam na narrativa dessa lenda, e os exjetas são obrigados a aceitar que de facto existiram, ignorando, porém, os seus autores e desconhecendo as datas em que tais anedotas appareceram. (Rev. Marcus Dood — «An introduction to the New Testament» — pag. 8).

Desconhecem-se os processos que se adoptaram para seleccionar apenas quatro evangelhos dos muitos que pululavam. Não se pode dizer com consciencia que os aceitos hoje é que sejam realmente canónicos e que os inumeros restantes sejam apócrifos. Será uma injustificavel ousadia asseverar que Mateus, Marcos e Lucas foram impecáveis ao escrever as mirabolantes proesas do seu mestre. Apesar dos três discordarem de pontos principais da vida do rabi, como sejam seu nascimento e sua morte, contudo, em algumas páginas se accordam e se repetem. E isto não é de estranhar quando se souber que era velha vesania oriental «alterar arbitrariamente a redacção dos textos por que a reprodução literal das narrativas anteriores, ou, melhor ainda, porque o PLAGIATO é lá regra geral de historiografias» (Renan, Evangelhos, int. pag. IX).

O costume pernicioso dos apóstolos foi seguido pelos primeiros padres da Igreja. Celso, na sua inflamada e justiceira guerra ao cristianismo, censurava, acremente, a mania de seus ministros que, para poderem responder ás objecções que se lhes opunham, não hesitavam em falsificar o texto primitivo dos evangelhos (Origenes — «Contra Celsum», lib. II, p. 27). Para ratificar ainda este conceito, por felicidade quasi que admitido geralmente por todos os exjetas que não se do-

bram, servilmente, às imposições infalíveis de papas ignorantes, basta recordar as interações, as adulterações, praticadas por Eusebio, o primeiro historiador da Igreja, — para, à custa dessas infâmias literárias, poder dar fóros históricos às lendas plagiadas e atribuídas a esse mito que tem sido toda a nossa desgraça, qual seja Jesus.

E não se busque a prova nos modernos estudos cristoígrafos, que terminam, depois de uma argumentação vigorosa, pela negação da existência do seu principal personagem. Vamos buscar-la em Renan, tão difamado pelos cristãos, mas a quem sempre se apegam quando querem enaltecer o seu ídolo. Renan, naquele seu estilo tão belo e na sua maneira tão carinhosa de apreciar os acontecimentos do cristianismo, depois de romantizar, suavemente, o Jesus de Nazaré, quando chega à parte real em que tem de basear-se em dados positivos, numa franqueza em que se percebe um tocante sentimento, afirma-nos que a história, pouco ou quase nada diz do protagonista que tão linda e poéticamente ideara. Os gregos desconheciam Jesus, Filon, seu contemporâneo, não o mencionava e Josefo, que sobreviveu a Cristo alguns anos em que se lhe fixa a data de sua morte, — Josefo, tão minucioso e tão honesto nas suas «Antiguidades Judaicas», narra a morte do Nazareno em algumas linhas, estas mesmo alteradas, piedosamente, por mão cristã (Renan — «Vie de Jesus» cap. XXVIII — pags. 458-459).

Ante as lendas e perante a falsificação da história, em face mesmo da ignorância dos padres que nada sabem acerca das éras apostólicas e o pouco que sabem é redondamente erroneo, pode precisar-se a data, rigorosamente exacta, em que se desenvolveu o cristianismo? Absolutamente. Sabe-se apenas, infelizmente, que se alastrou em Roma como uma chaga purulenta. Como foi que ali se introduziu? Depois da destruição de Jerusalém, os judeus espalharam-se. Expulsos da terra que sonharam deveria dirigir o mundo, os judeus, cada vez mais firmes na sua convicção de que o Messias viria, interamaram-se por alguns países e uma forte pleiade se dirigiu a Roma. Como se deu a sua separação da lei mosaica para se adaptarem às doutrinas que se diziam oriundas de Cristo? Também não se encontra uma explicação satisfatória. Atribue-se a Paulo, que alguns exegetas eminentes não tergiversam em considera-lo como o verdadeiro fundador do cristianismo e que conseguiu, graças à sua ativa eloquência, fazer com que os judeus acreditassem que, de facto, o Messias já tinha vindo.

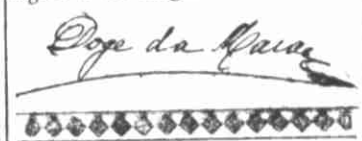
Seja como fór, o facto é que Tácito («Annae» lib. 15 paragrafo 44) narra-nos que os adeptos dessa superstição que começava a surgir em Roma, e que o vulgo chamava cristã, foram processados e perseguidos por Nero, por causa de seus malefícios, e porque eram considerados como incendiários e inimigos do género humano. Também se afirma que esta passagem de Tácito, da qual apenas tiramos algumas linhas, foi grosseiramente falsificada. (Bossi — «Gesù Cristo non è mai esistito», pag. 36). Mas seja como fór, aí temos um indício, ainda que palido, da interinação do cristianismo em Roma. A seita foi criando prosélitos. Alastrou-se primeiro nas classes pobres, iniciando a sua casuística jesuítica que a levaria, dentro em breve, a aliar-se aos potentados.

Roma chegou ao auge de seu poderio e preciso se tornava que regressasse. Foi quando viu contra si o mundo inteiro. As aguias romanas, tonteadas pelo esplendor de suas glórias, começaram a tomar feridas. Lavrava o desanimo e imperava o deboche. Os romanos de espírito cultivado entre-avam-se às disputas filosóficas. A plebe, vendo que o politismo já não satisfazia o seu idealismo, abraça, sem discernimento, a seita que lhe assegurava, após a morte, um lugar de bemaventurança numa ignota região, de onde jorravam, em torrentes caudalosas, leite e mel. Os pobres, atormentados pela mi-

seria, aceitam a religião que lhes promete fartura. Constantino, o sanguinário e hipócrita, mantendo-se fiel ao paganismo, mas aceitando, por interesse político, o messianismo, decreta a sua adopção oficial.

Triunfava o cristianismo. E o que então vai suceder é horrível, é espantoso. As novas crenças, sentindo-se fortes, armam o braço do poder e o instigam à perseguição. Os templos do paganismo são destruídos. Os adeptos do paganismo são obrigados, a ferro, a dobrar os joelhos ante o novo ídolo. Os filósofos vêm-se emmuddados, suas obras queimadas. A igreja nascente fazia mal a luz. Era necessário que as trévas tudo obscurecessem, à semelhança daquelas que toldaram o céu de Jerusalém quando da suposta morte do seu deus. Tudo ennegrecceu e pelos séculos além se estendeu o sombrio manto do seu poderio, porque era necessário que, sob as trévas, o cristianismo dominasse cegamente, estimulando a ignorância, levantando hosannas à mortandade dos herejes e que essas trévas, de que se ufanhava, só se atenuassem frouxamente quando os rubros clarões das fogueiras crepitantes indicavam que mais um revoltado pagava bem caro a ousadia de ter procurado a resplendente luz da verdade.

E deduzo disto o valente vigário de Baurú que a sua religião é de origem divina.



O Cavaleiro de La Barre

Era filho de um antigo tenente-general do exército e sobrinho de Mme. Palincourt, abadesa do mosteiro de Abbeville.

No ano de 1766, La Barre, com a idade de 19 anos, passando um dia, com alguns amigos, entre os quais d'Etallende e Moinel, pela ponte nova d'Abbeville, derrubou um Cristo de pau que lá estava collocado. Um inimigo particular da abadesa denunciou-a como acolhendo impios em sua casa, e formulou uma acusação contra o seu sobrinho, como blasfemador e iconoclasta, por ter passado alguns dias antes com seus jovens amigos por uma procissão de capuchinhos sem se descobrir. Esses dois delictos foram prontamente transformados em crimes de lesa-majestade divina e humana; Moinel e La Barre foram presos e imediatamente condenados, bem como d'Etallende, mas este último, por contumácia, a ser-lhe a lingua arrancada, os pulsos cortados, a cabeça decepada e a serem queimados vivos depois de submetidos a processo ordinário e extraordinário.

Esta condenação causou um profundo desgosto. Oito advogados apelaram para o parlamento e tomaram o encargo de provar a nulidade da sentença pronunciada pelo tribunal d'Abbeville. Mas o parlamento confirmou esta sentença, atenuando somente quanto a La Barre o horror do supplicio, ordenando que lhe fosse decepada a cabeça antes de qualquer mutilação.

La Barre sofreu a sua pena com intrepidez. O Dicionário Filosófico de Voltaire, que se dizia ser a origem da sua impiedade, foi queimado com o seu corpo.

Vergonha e execração aos seus carrascos!

A União dos Sindicatos e a Anarquia

Edição da «Brochura Social» de Lisboa.

Elegante opusculo de 16 paginas. Excelente texto do conhecido iniciador do sindicalismo revolucionario em França, FERNANDO PHILOUTIER. Preço 200 réis. Pedidos a esta redacção.

«Casterna» em Portugal

«O nosso representante em Lisboa, autorizado a tratar de tudo que se refere a esta obra, o cidadão Nuno Vasconcelos, residente a rua de S. Bento, 26, 1.º



«Eça de Queirós e Bordalo Pinheiro: uma substituição de pensão — São justas as pensões? — O Senado acha que é indispensavel a legação junto do Vaticano — Não se fiem nos politicos! — Ironias anticlericais dum senador — A expedição dos argonautas rialistas gorada — Couceiro e condenado... de longe — Plano de golpe de Estado abandonado com a formação do ministério — «Ministério de forças» contra os operarios — A greve do pessoal dos electricos — Greve geral? — A liberdade do trabalho na Inglaterra.

LISBOA, 23 DE JUNHO

Referi há tempos aos leitores da Lanterna que os filhos de Eça de Queirós estavam na Galiza, como soldados de Couceiro. Tomaram parte na incursão que veio até Vinhais, terra natal do regicida Buíça.

Ora a familia do romancista sceptico, gerador de vergontes tão arcaicas, recebia uma pensão do Estado, e os republicanos acharam agora que era excessivo tirar de tesouro publico dinheiro para conspiradores, tanto mais que a viuva e os filhos do literato illustre não precisam desse dinheiro. Para marcar bem o intento do gesto, a pensão foi transferida a favor da viuva e filha de Rafael Bordalo Pinheiro: este foi um grande artista e um demolidor, a sua familia é toda de artistas, os seus filhos, igualmente artistas, conservam-lhe o brilho do nome, e além de tudo, trata-se em pessoas em situação precária. E ainda foi votada uma moção na qual a Camara reconheceu o altissimo valor da obra literaria de Eça de Queirós e lhe consagrou a memoria como a dum portuguez illustre, digno da gloria nacional...

A substituição foi sem dúvida justa — e poderia mesmo sustentar-se a justiça relativa da supressão de todas as pensões. São porventura pensionados a viuva e filhos miseraveis de todos os trabalhadores, cujo esforço valente e pertinaz é igualmente indispensavel a vida social? Não são equivalentes todas as funções? E não é até a simples literatura (figuria em regra destinada a uma minoria de ociosos) mais dispensavel que a maior parte do trabalho manual?

Mas numa sociedade em que vigora e domina a separação entre o trabalho manual e o trabalho intellectual, sendo este último considerado como rei e senhor, vão lá convencer os intellectuais dirigentes de que as duas espécies de labor são igualmente necessárias ao desenvolvimento harmonico do ser humano e de que todas as funções indispensaveis se equivalem!

Em quanto os deputados acham que a República não deve dar lenha para se queimar, já os senadores entendem que ela deve poupar... o Vaticano e considera-lo como uma potência. Na Camara tinha sido suprimida por uma pequena maioria a legação portugueza junto da Santa Sé: a coisa foi obtida por surpresa, graças a certos maneios de grupos rivais, e o facto de no dia seguinte não cantarem vitória os vencedores era significativo... Ninguém, salvo meia dúzia de deputados mais anticlericais do que politicos, buscava aquele resultado, milagre inesperado da alquimia parlamentar... Ora o Senado decidiu que a legação fosse mantida e sem dúvida prevalecerá esta opinião... Opinião?... Conveniências... razão do Estado... e outros ingredientes. Os politicos não tem opiniões, sobretudo no governo. Os homens sinceros devem organizar-se e exercer a sua acção fora d'elles (e às vezes contra elles), quaisquer que sejam as promessas que elles façam e a côr politica de que se tinjam.

Os senadores nem sequer admitiram a discussão a proposta comico-gria dum anti-

clerical, que queria ao menos ver reduzidos os gastos do representante da República leiga e anticongregacionista junto do vigário de Cristo, do chefe espiritual de uma das Igrejas separadas do Estado. Recorde de um jornal:

O sr. Faustino da Fonseca propõe que se reduza a verba de cinco contos de réis para despesas de representação ao nosso ministro em Roma (Vaticano) para... 500.000. Não pôde admitir que ao representante junto do papa se dê mais dinheiro que ao representante junto da grande Republica Americana, da grande e próspera Argentina, do poderoso imperio austriaco, de tanta influencia na politica europeia. Nessa conformidade acha desnecessaria tão grande verba para despesas de representação de um ministro portuguez junto do papa. De resto, ainda há bem pouco tempo ouviu dizer dentro daquela sala que o papa representava um alto poder espiritual. Admitindo que ele seja o representante de Cristo na terra, é natural que passe uma vida humilde como ele, e que o ministro portuguez se entregue com ele à penitencia, para expiação dos nossos erros anticlericais. Para fazer penitencia precisará o ministro de 5 contos? Não. Tem portanto, a proposta, todo o cabimento.

O Senado achou que o sr. Fonseca estava a caçoar com os seus conspicios colegas...

As noticias dos contra-revolucionarios monarchistas? O telegrapho deve ter relatado, com sufficiente minuciosidade, a apreensão de um navio e armamento destinados a uma argonautica aventura. Projecto e despesas, tudo por agua abaixo. Os tempos modernos não correm de felção para a realizacão silenciosa e arrojada daquele genero de empresas. Mas a fé tem recursos inesgotaveis...

Paiva Couceiro e outros chefes da incursão monarchica de outubro, esses foram julgados no Porto... à revelia. E' muito provavel que nunca se decidam a vir cumprir a pena, no que andarão enormemente bem. Apesar de general em chefe, Couceiro foi o menos castigado... no papel, em atençao aos seus seus serviços passados... Parece que esses serviços foram prestados na «civilização» dos pretos...

Os ardentes democratas do Porto preocupam-se tão pouco com o Couceiro, conspiradores e suas ameaças, que planeavam tranquilamente nada menos do que um movimento insurreccional, com elementos civis e militares, em vista de se tornar tão demorada a soluçao da crise ministerial. Pretendiam dissolver o parlamento, que não deixa governar, e colocar no poder a gente capaz de continuar e concluir a obra retintamente democratica de uma republica popular.

Constituiu-se, porém, o novo ministério, que os satisfez, e os bons democratas desistiram então do seu propósito e foram até dar parte á autoridade do que tinham estado a ponto de fazer...

O novo ministério, com efeito, estreou-se bem: convenientemente solicitado pela Companhia dos Electricos, que publicamente o considerou e para ele apelou como um governo de força, está tratando de suofocar a greve pela violência. O pretexto é, naturalmente, a famosa «liberdade de trabalho», isto é, a liberdade generosamente garantida a certos operarios inconscientes, traidores á sua classe, de inutilizar os esforços dos companheiros pelo bem-estar de todos, de furar o direito de greve, que o governo e a lei fingem respeitar. Liberdade de trabalho! Mas se é isso precisamente o que pretendem os grevistas, revoltando-se contra o excesso de autoridade e exploração patronais!

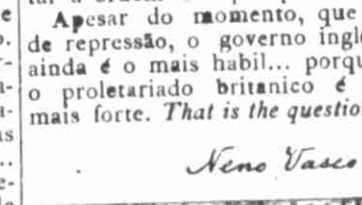
Para garantir o trabalho dos fura-greves, parece em todo caso que as autoridades se deveriam limitar a protegê-los no seu serviço. Pois o seu primeiro cuidado, no dia em que deviam sair os primeiros carros, foi prenderem os militantes operarios, encerrarem associações, encarcerarem as comissões de vigilância e resistencia

dos grevistas. Assim respeitavam o direito de greve, tratando de o destruir, impedindo as reuniões, procurando aterrar e desconcertar os operarios.

Parece que foi resolvida por varias classes a greve geral de solidariedade e protesto, reclamando, como em janeiro, a reabertura das associações e a libertação dos presos. E' possivel que tal greve seja um facto e obtenha exito, sobretudo se a ela se unirem, como se afirma já o terem feito, os ferroviarios. E' possivel que o governo consiga impor-se pela violência e pelo terror.

Mas é certo, de todos os modos, que nos elementos mais activos do operariado ficario e larvario a cólera e o ressentimento. Esses elementos são os que fazem greves, mas são também a melhor força politica e social. O governo quer, em troca, adquirir a plena confiança dos conservadores, os quais nunca se batem, e aceitam, no fim de contas, qualquer situação politica...

O governo inglês é mais habil e conhece melhor a força do proletariado, sobretudo quando este... faz sentir essa força. Recentemente os armadores de Pierilet mandaram vir de N. w. port fura-greves para a desearga de navios. Como os grevistas se agitassem, as autoridades locais pediram às de Londres reforços, que foram recusados. Espanto dos patrones. Interpelação no parlamento. Resposta do ministro: «Os patrones mandaram vir esses homens de fora, de proposito para furar a greve: foram eles que provocaram. A policia não deve proteger patrones que promovem a desordem: deve fazer respeitar a ordem e a paz publica.» Apesar do momento, que é de repressão, o governo inglês ainda é o mais habil... porque o proletariado britânico é o mais forte. That is the question.



NO RIO

As conferencias da Liga Anticlerical

Devido às reuniões do Gremio Republicano Portuguez, convocadas á última hora para tratar do atentado de que ia sendo victima o seu presidente, deixou de se realizar no domingo, e não no sábado conforme haviamos por engano noticiado, a 5.ª conferencia da série que a Liga Anticlerical está organizando em refutação ao padre Julio Maria.

Essa conferencia realizar-se-á hoje, ás 8 horas da noite, no salão do mesmo Gremio Republicano Portuguez, falando o dr. Bruno Lobo, professor da Escola de Medicina, que desenvolverá o tema — «A loucura do padre»...

A entrada para esta conferencia, como para todas as que a Liga realiza, é inteiramente gratuita.

Cristo no Juri

A Loja Maçonica União Espanhola lançou, em sua última reunião, um protesto contra a pretensão da carolada, que anda a arranjar para que seja collocada a imagem de Cristo no Juri.

Essa resolução da benemerita Loja foi-nos comunicada pela seguinte carta:

«Secr. aos 6 de julho de 1912.

Sr. director da Lanterna.

Com a maior satisfação, cumprimento o dever de levar ao conhecimento dessa redacção que, em sessão ordinaria realizada em 4 do corrente, foi aprovado por unanimidade que se lançasse um solene protesto na acta de nossos trabalhos pela attitude dos inconscientes catholicos em terem a petulancia de querer repór a imunda imagem de Cristo no tribunal do juri.

Agradecendo-vos a publicação desse acto, subscrevo-me — Ricardo Navajas, secretario interino.»

A MORAL DO CLERO

Um escandalo clerical em S. José da Bela Vista

Os leitores da Lanterna já conhecem, em suas linhas gerais, o facto que vamos narrar, pois dele já nos occupamos em o nosso n. 189, no qual inserimos a carta com que um amigo no-lo comunicou.

Essa noticia saiu, porém, sem a indicação de pessoas e da cidade que lhe serviu de teatro por não termos certeza na occasião da procedencia da carta.

Já por diversas vezes temos recebido denuncias de certa gravidade subscritas por nomes de pessoas nossas conhecidas e que de nada sabiam.

Com que fim se faz isso? Naturalmente para desmreditar o nosso jornal com desmentidos ás suas denuncias.

Felizmente até agora temos descoberto as armadilhas a tempo. Devemos, pois, estar alerta.

Foi por isso que publicamos a carta incompleta, a espera de informacões mais precisas, que agora já podemos fornecer aos nossos leitores.

Feita esta explicação, passemos ao facto, que é o seguinte.

Em S. José da Bela Vista, na comarca da Franca, residia há tempos uma senhora, tendo em sua companhia uma mocinha, orfã de pai e mãe, que hoje deve contar 16 anos de idade.

D. Rita Maria Teixeira, que é como se chama a dita sra., logo após a morte da mãe de Maria José, a mocinha, tomou-a sob sua protecção, criando-a e educando-a em sua casa.

Certo dia foi para aquela cidade o padre Nicolau Paolino, que ali se estabeleceu como vigário da parochia, e cuja folha corrida, segunda era voz corrente, já se registavam diversas proesas em questões de conjuistas amorosas feitas á maneira padreal.

A mocinha orfã caiu-lhe poucos dias depois sob as suas vistas de sátiro. Farejou uma boa presa e começou a persegui-la. Por meio do catecismo e da confissão arrastou a pobre orfã para o caminho do seu desejo, obrigando-a a frequentar miudamente a igreja, o que ela fazia confiadamente, sem nem sequer suspeitar do intento do d. Juan de batina.

Impoz-lhe uma longa penitencia, obrigando-a a confessar-se todas as semanas para remir os seus peccados...

Duro isto algum tempo. Por meio do catecismo, do confessional e de orações não tardou a conseguir a satisfacção do seu desejo.

É mais uma victima foi registada na historia da devassidão clerical. Restava o perigo do escandalo, que era preciso evitar.

O melhor meio que encontrou foi a ameaça. Começou então a amedrontar a pobre moça. Disse-lhe que ella denunciaria o facto a algum, e a amaldiçoaria, e a sua vida seria depois um tormento. Chegou mesmo a dizer-lhe que se algum soubesse de alguma coisa seria apunhalada.

A pobre mocinha, cheia de medo, aterrorizada, calou-se.

Em breve, porém, d. Rita e seu genro sr. José Alves Pinto, desconfiando da crescente gordura da orfã, interrogaram-na a respeito.

Maria José nada disse, e como ella foi sempre cheia de corpo, não lhe foi difficil desculpar-se. Depois disto o sr. José Alves Pinto mudou-se para S. Joaquim, certo, entretanto, do estado da gravidez da orfã.

Passados os nove meses, o escandalo tornou-se publico: a mocinha deu á luz o filho do padre Nicolau Paolino.

Interrogada por d. Rita sobre quem tinha sido o seu sedutor, respondeu sempre que não sabia, «que ninguém tinha sido»...

Com a volta do sr. José Alves Pinto para S. José da Bela Vista, conseguiu se saber a verdade. Este sr., não se conformando com as evasivas da orfã, apertou-a até conseguir a resposta desejada.

Foi então levado o facto ao conhecimento das autoridades locais, que responderam não poder tomar providencia alguma por já haver passado muito tempo.

As luz dos orfãos foi também dirigido um officio, nada se conseguindo d'ella até agora.

Como ultimo recurso, foi dirigida uma carta ao padre sedutor, apelando para os seus sentimentos,

para que não abandonasse a pobre orfã, que lhe desse ao menos uma pensão.

Sem dúvida a sua resposta foi que se fossem queixar ao bispo...

Eis aí, relatado fielmente, singelamente, o facto tal como elle foi contado pelo próprio sr. José Alves Pinto a mais de cinquenta pessoas da cidade de S. Joaquim.

O padre Nicolau Paolino encontra-se agora em S. Joaquim, onde o escândalo parece ter sido abafado com algumas notas de cem mil réis.

Pelo menos é isso voz corrente naquel cidade. Diz-se que o sr. José Alves Pinto escreveu ao padre Paolino exigindo-lhe uma indemnização de 3:000\$ e que este, não se conformando com isso, contratou um advogado para defender a sua causa.

Este chamou ao seu escritório o sr. Alves Pinto para entrar em accordo com o padre deplorador.

E, segundo corre, o accordo foi estabelecido, recebendo o dito sr. a quantia de 500\$ com a condição de se passar ao padre uma declaração, na qual fosse d'amentida a accusação que lhe é feita de autor do defforamento da orfã Maria José.

O vergonhoso escândalo não poderá, porém, ser encoberto porquanto já é do dominio público em toda a zona de S. José da Bela Vista e em S. Joaquim, havendo mesmo documentos importantíssimos que o provam exuberantemente.

Ao que parece, as autoridades competentes já instauraram um inquérito sobre o crime e o juiz de orfãos já tem em seu poder os elementos necessários para proceder contra o padre d. Juan.

A população de S. José da Bela Vista está indignadíssima com o padre atíro, que ali deixou bem evidenciada a sua conduta de tipo devasso.

Esse sátiro de batina por toda a parte onde tem estado a explorar a ignorância dos pobres de espírito tem deixado grandes recordações de seu proceder de corrompido conquistador de pobres moças.

Em Matto Grosso de Batatais, onde também esteve, depois de viver por muito tempo com uma mulata, que dele teve diversos filhos, abandonou-a na prostituição.

Nesta cidade continua elle a ser o mesmo tipo corrompido e safarda de sempre.

Ai tem o povo orante de S. Joaquim o tipo que se diz seu pastor, que se alvorou em defensor da integridade da familia.

E ainda haverá maridos que permitam que as suas mulheres se ajoelhem diante de tal homem? ainda existirá pais que admitam que suas filhas frequentem a Igreja?

Quando se resolverá o povo a correr essa raça maldita a chicote e a reduzir a cinzas esses bordéis de última escola a que dão o nome de igrejas?

Festa social no Rio

Na sede do Centro Cosmopolita, à rua do Senado, 217, realisar-se-á sábado, 26 do corrente, uma boa festa de propaganda social em favor do jornal libertário Guerra Social.

O seu programa é o seguinte:

1.ª parte — Conferência pelo operário Cecilio Vilar sobre o tema: O suplicio do povo.

2.ª parte — Poemas pelo operário S. Barbosa e a menina Carolinã Boni.

3.ª parte — «Marselheza do Fogo» e «1.º de Maio», hinos cantados pelos alunos da escola 1.º de Maio, sob a direcção do operário P. Matera.

4.ª parte — Quermesse e baile familiar.

As pessoas que se interessam pela causa operária poderão procurar os cartões de ingresso nos seguintes locais: Redacção da Guerra Social, rua do Senado, 196; Federação Operária (à noite), rua General Camara, 335, e Escola 1.º de Maio, rua Sousa Franco, 64, Vila Isabel.

Pela Paulista

Por toda a proxima semana, e nosso companheiro José Romero iniciará uma viagem de propaganda do nosso jornal e de cobrança dos seus assinantes, visitando em primeiro lugar as seguintes localidades: Vila Americana, Limeira, Cordeiro, Rio Claro, Araras, Palmeiras, Descalvado, Santa Rita de Passos Quatro, etc.

Refutação á sétima conferencia do bonzo Júlio Maria

III

Passemos a outro tópico do bonzo Júlio. A Igreja, bonzo Júlio, nunca defendeu contra o despotismo. Se tu ignoras isso nós t'o ensinaremos mesmo sem cobrar-te nada.

Ora, estudando-a história da Igreja (vide Mosheim, Fleury, Neander, Henricou Cantú), vemos que nos três primeiros séculos ella foi tenazmente perseguida, não por todos, mas por alguns imperadores romanos (Nero, Domiciano, Trajano, M. Aurelio, Severo, Maximino, Cecio, Valeriano, Aureliano e Maximiano); e se a Igreja (papas, bispos e demais clero) não se podia defender a si mesma contra as perseguições daqueles déspotas, como podia defender o resto dos cristãos, que, por isso mesmo, ás dezenas, eram pasto das feras do circo? Depois de terminadas as perseguições, o que é que nós vemos?

Simplesmente isto: — a Igreja aliada a Constantino, no ano 312, num infernal conculu para explorar a credence dos povos. Este imperador, 5 vezes assassino, cumulava de riquezas; e os bonzos começam logo a cobrir-se de pedrarias, ouro e púrpura e a crescer em orgulho e arrogância. No ano 825, porém, a Igreja solicita de Constantino, seu aliado, o auxilio do braço secular para reprimir Ario e seus sectários, os quais são perseguidos e trucidados e seu chefe desterrado.

Pouco tempo depois (em 395) sobrevem as primeiras invasões bárbaras, que de tudo fazem taboara, excepto da Igreja. Porque? Milagre? Não! Porque os bonzos, com a hipocrisia que lhe é peculiar, saem ao encontro das hordas, e por meio de mil presentes agradados e bajulações, (1) conseguem insinuar-se e acabam dominando-as com detrimento da honra das mulheres dos proprios bispos (2). Mais tarde, a Igreja alia-se a Pepino o Breve e Carlos Magno (seculos VIII-IX), os dois protetores natos da Santa Sé, que a enchem de riquezas e dão-lhe extensos domínios temporais á custa do sangue dos lombardos, sárdeos e outros povos.

Anterior a essa época, o concilio de Macon de 585, decreta o pagamento dos dizimos sob pena de excomunhão em caso contrario; Carlos Magno, em 779, torna-o obrigatório (3); e em consequência disso a Igreja acumula enormes riquezas em bens fundiários e propriedades imoveis; os bispos tornam-se senhores feudais, verdadeiros reis, não de direito mas de facto; cunham moeda, cobram impostos, levantam exércitos, possuem muitas concubinas e as suas terras são lavradas por milhares de escravos, de cujas mulheres cobram o direito de perna (4).

E que diz a tudo isso o bonzo Júlio Maria?

Tornada uma formidável potência temporal e por ventura mais tirana do que as outras, os estados da Igreja tinham, pois de, necessariamente, sublevar-se contra a tirania da sua infame madrastra; e assim é que desde o ano 890 até 1859 vemos uma série de rebeliões dos súditos pontificios contra o despotismo dos papas, ás quais atogaram em sangue com o auxilio das baionetas estrangeiras (5).

E... argumento o bonzo Júlio Maria contra os factos da história...

Quanto á inviolabilidade da personalidade humana, que o bonzo Júlio Maria diz que a Igreja sempre respeitou, isso até nem vale a pena refutal-o porque nos tomaria muito tempo e espaço, que não podemos absolutamente dispensar, contentando-nos com indicar ao estudioso leitor a «História Universal» de Cantú, a «História dos Papas» de Lachatre, a «História das Perseguições Religiosas na Europa» de Torres de Castilha, a «História da Inquisição em Portugal» de A. Herculanu, a «História da Inquisição em Espanha» por A. J. Lorente, a «História dos Mártires da Liberdade» de A. Esquirdes, a «História da Luta entre a Sciência e a Teologia» por A. D. White, a «História Intelectual da Europa» de Draper, além doutras muitas obras que seria enfadonho enumerar.

E por hoje aqui ficamos até o próximo numero.

José Martins

(1) Cantú, «Hist. Univ.», t. VIII, cap. XI.

(2) Ora, vejam de que meios deentes, entre muitos outros que nos seria fácil citar, usava a Igreja para conquistar os bárbaros! — Um bispo, querendo captar as boas graças de um chefe bárbaro para que este lhe deixasse os seus domínios temporais,

entregou-lhe a mulher para que a prostituísse, preferindo ser... complacente a fazer algumas concessões. (P. Derfou, A. Peratoner, A. Pessoa e outros, «Hist. Univ. da Prostituição», t. V, cap. VIII Lisboa, 1887).

(3) Cantú, «Obr. cit.», t. VII, p. 241.

(4) Eugenio Sué, «Los hijos del Pueblo», edic. hesp., tomos II e III; E. Bossi, «Obr. cit.», p. 181, «notas»; T. de Castilha, «Hist. das Perseguições Relig. na Europa»; tomos I, II, III e IV; Cantú, «Obr. cit.», t. VIII; A. Herculanu, «Hist. da Inqui. em Portugal», t. III.

(5) Bossi, «Obr. cit.», ps. 71-2, «notas»; T. de Castilha, «Obr. cit.», t. V, p. 830; Barcelona, 1866.

Correspondência

de Pelotas

Para que se aquilote do progresso feito pela jesuitada exploradora da nossa terra, bastará ver como um grupo de cidadãos julgou ser popular a comemoração do centenário da cidade. Missas e procissões estão inclusas no desenxabido programa das festas, que tudo poderão representar menos a população da cidade, porque nem todos têm pela mesma cartilha. O povo de Pelotas tem crédos diversos e há quem não os tenha de caracter religioso e, portanto, uma festa popular que recorre a missas e procissões peca pela base, convertendo-se em triste verdade de que os padres ainda encontram seres obtusos, hipocritamente r-tulados de diplomatas e posições sociais inferiores.

O fito desta correspondência de hoje é fazer ver até onde chegou o desedebio dos padres, como o santarrão que anda a apa-ocentar os rebanhos de um dos arr-baldes de Pelotas — a Luz.

Pela noticia que aqui vai e ex traída do orgão oficial do partido que se diz mantenedor das doutrinas positivistas de Comte, ver-se-á como se abusa da inocência e da ignorância mesmo dos que não tiveram a felicidade de se livrar do padre:

Domingu, por occasião da missa celebrada na matriz da Luz, s. revma. monsenhor d. Francisco de Campos Barreto, digno bispo diocesano, foi ali recebido pela Irmandade da Senhora da Luz, rev. vigário Miranda e povo.

Por essa occasião uma senhorinha saudou o illustre prelado, pronunciando estas palavras:

«Exmo. e revmo. sr. Em nome deste lugar de Luz, que mereceu a s. exa. revma. paternais cuidados, elevando-o á categoria de sede parquial, que vos saúdo com entusiasmo, congratulando-me com esta visita, que, certamente, contribuirá muito para o seu engrandecimento moral.»

Sinto que tivesse sido eu a escolhida para dar a v. exa. revma. as boas vindas.

Tenho pena de não ter a inspiração dum Castilhos ou possuir o genio de Cícero para, em deliciosos alexandrinou ou em frases bordadas de arabescos de prata, cantar as alegrias que v. exa revma. acaba, hoje, de proporcionar aos habitantes da Luz.

Sede v. exa. revma. bemvindo e digno se de aceitar os protestos de filial amor do povo desta grei agrada ao báculo pastoral de v. exa. revma.

Viva o exmo. bispo de Pelotas d. Francisco de Campos Barreto!

O viva foi correspondido entusiasticamente, jogando flores sobre d. Francisco algumas meninas.

Um jesuita, um padre recebendo flores lançadas por mãos inocentes é mais do que triste, é revoltante, é indigno de ter por cenário uma cidade como esta, que se intitula de centro intelectual, quando, na verdade, parece estar catalogada entre as mais ignorantes e carolas aldeias espanholas... Além disso, expõe-se ao ridículo uma mocinha, ensinando-a a repetir um discurso repleto de aseirias... Francamente, não é só a Espanha, na Europa, que está amarrada aos pés do charlatão do Vaticano: o Brasil já começou e foi preciso que viesse a República para um estado tal de aviltamento do caracter e consagração da ignorância...

Emfim, um dia acabarão esses hipocritas da grande corja do Vaticano.

Octavio Elleux.

IDEAL

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reprodução na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da Guerra Social, Caixa postal, 1497, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

«CANTERA» em Pelotas

No cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, assim como nas localidades circumvizinhas, á agende da nossa folha o sr. José Maria Bento, residente á rua Andreado Barros, 100, que está trabalhando a tratar de todo quanto se relaciona com a «Lanterna».

Vida operaria

EM S. PAULO

Sapateiros — Com boa concorrência, realizou-se no domingo a assembleia do Sindicato Geral dos Artífices Sapateiros.

Foram tomadas diversas decisões de caracter administrativo e eleita a comissão executiva.

Graficos — A greve do pessoal da Sociedade Artes Graficas encontra-se na mesma situação.

Os grevistas reuniram-se e resolveram manter a luta até o consequimento do seu pedido de aumento de salario.

A União Grafica distribuiu um bem elaborado boletim á classe em geral, convidando-a a auxiliar os grevistas.

As listas distribuidas já reúnem uma regular quantia.

Trabalhadores em madeira — A Liga dos Trabalhadores em Madeira reuniu-se em assembleia geral na quinta-feira passada, tomando diversas deliberações sobre os trabalhos de organização da classe.

Alfaiates — A sociedade dos alfaiates, na sua assembleia de domingo, resolveu realizar uma sessão de propaganda na proxima quinta-feira á noite, no salão S. Paulo, no largo do Riachulo, 36.

Opinião de padre

No Intransigente, de Lisboa, um prior protesta contra as perseguições abusivas exercidas pelos seus colegas ricos de Lisboa contra os párcos pobres que aceitaram do Estado português a pensão determinada pela lei de separação.

Depois de ter mostrado como os priores e prelados perseguidores infringem as leis canonicas e civis, depois de ter afirmado, como um vulgar anticlerical, que a «justiça de padres foi sempre assim em todos os tempos», e que «ódio de padre não cansa», o prior aproveita a imparcialidade da folha de Machado Santos (imparcialidade gabada até pelos mais ferrenhos clericais) para dizer entre outras coisas o seguinte:

O que fizeram os bispos, que fizeram os priores para que os padres não aceitassem um beneficio que a República lhes concedia?

Os bispos, tendo reunido em S. Vicente, logo após a implantação da República, só mais tarde publicaram a Pastoral Coletiva, que renegaram quando se lhe exigiu a responsabilidade do que nela diziam, deixando o venerando bispo do Porto assumir por todos a responsabilidade que a todos pertencia.

Este acto de fraqueza e má fé nada o desculpa!

Perante este procedimento, qual devia ser a attitude do clero?

O clero estaria á espera de que os bispos falassem, quando falaram, renegaram o que disseram, havendo só um que se conservou no seu posto?

Que instruções deram elles ao clero, relativamente ás pensões? Nenhuma; pelo contrario é positivo que Pio X mandou que os positivistas fossem respeitados.

O clero esteve á espera de que os bispos lhe dissessem alguma coisa, o animassem e lhe garantissem qualquer auxilio na sua pobreza. E os bispos calados sempre! Ora, se os bispos foram os primeiros que ajoelharam perante a República, respondendo ao officio do sr. Bernardino Machado de uma maneira suberviente, com officios que não transcrevemos, porque foram publicados na imprensa; se o próprio bispo de Coimbra pediu perdão ao actual titular da justiça por causa do benedictino e de uma forma que espantou toda a gente; com estes exemplos, que havia de fazer o clero, que não é prior, que não tem heranças, nem subscrições, nem patrimónios, que lhe garantam viver, rindo-se da pobreza?!

Fez o que fizeram os bispos e os conegos e outros illustres padres, que chegaram a mandar, durante meses, as folhas processadas para o ministério, pedindo os honorários que recebiam; isto é, se a República lhes pagasse, eles aceitavam; como a República acabou com os honorários e estabeleceu as pensões, elles queriam, não o tanto, mas os seus cinco vinténs. Era questão de nome!

Que fizeram os priores? Esses, impando de gordos e anafados, com bestas ricas a quem intrujam, e com quintias, predios e accões de companhias, e ainda com o rendimento das freguezias, que lhes dão mais que o suficiente para viver, porque a Igreja foi sempre uma mina inexgotavel para aqueles que sabem exploral-a, esses correram, pimpões e inchados, a declarar que rejeitavam as pensões, mas não falaram no resto do clero, nem na circunstância em que ficava; e como elles a rejeitaram, todos deviam seguir o exemplo de tão seraficos e evangélicos varões, cujas virtudes e sacrificios feitos á Igreja, por intermédio dos conajutores, são notoriamente conhecidos e apreciados.

Elles tem chorado as suas misérias, publicas e particularmente; tem arranjado subscrições, que lhes dão mais do que aquilo que ganhavam anteriormente e em beneficio do resto do clero resolveram pedir para elles a suspensão e tirar os recursos que aquilo que lhes pertence; e foi a última deliberação de tão virtuosos e caritativos varões!

Os priores de Alcantara e de Santos foram os primeiros a executar o compromisso, assim no-lo asseveraram, e para isto servem-se elles do argumento do que a lei não fala em tesoureiros, quer dizer — só admitem a lei para defraudar os colegas. — Para isto já lhes serve a lei de separação!

Houve quem protestasse contra isto e contra as suspensões, mas quem isto escreve não foi ouvido, porque, infelizmente, a Igreja alimenta muitos sepulchros cheios de vermes no interior e catados por fóra. Assim chamava Cristo aos hipocritas e fariseus!

E escreve mais alguns parágrafos neste tom o prior católico.

Não são anticlericais que assim falam.

As igrejas-cinemas

De uma carta de Italia para o Diario de Noticias, de Lisboa, extrairnos o seguinte:

«O Vaticano decidiu permitir as projecções cinematograficas nas igrejas. Este facto justificaria quaisquer comentários de surpresa se não tivesse em conta as especiais circunstancias e as especialissimas limitações que explicam a citada decisão do Papa e determinam o seu alcance e objecto.

Desde alguns anos, fundaram-se em toda a parte umas sociedades que tem por fim servir-se do cinematografo não sómente como instrumento de instrução e educação mas tambem como uma verdadeira e propria illustração da história sagrada e do catecismo.

Estas associações — que se fundaram primeiramente em França, onde adquiriram um desenvolvimento extraordinario — estenderam-se a multissimas nações da Europa e norte-americanas.

Os bispos e arcebispos insistiram muitissimo, supplicando ao pontifice para que lhes consentisse o utilisar tambem nas igrejas, como complemento do ensino do catecismo, particularmente nas povoações ou aldeias pequenas, onde o clero dispõe de outros locais apropriados para esse objecto. E, com effeito, o Papa deu a permissão que lhe pediam tantos prelados.

Comtudo, esta permissão papal está subordinada ás seguintes condições: «sine qua non», para similiaes espectaculos educativos-religiosos:

1.ª Na igreja deve-se-ha primeiramente tirar o Santissimo Sacramento;

2.ª As mulheres estarão separadas dos homens;

3.ª A igreja estará sempre iluminada, excepto no momento em que se fizerem as projecções;

4.ª O párcos achar-se-ha sempre presente e deverá exercer sobre as pelliculas cinematograficas a mais escrupulosa vigilância;

5.ª Estes espectaculos não poderão celebrar-se sem a permissão dos bispos das dioceses, os quais, querendo, poderão negal-a se o julgarem oportuno.

Ainda que limitada desta fórma, a concessão que acaba de fazer o Vaticano é symptomática, porque demonstra que tanto o Papa como o clero reconhecem que o cinematografo chegou a ser um poderosissimo meio de propaganda.»

Já por várias vezes aqui falámos deste assunto, prevendo até que a Igreja havia de lançar mão deste meio cada vez com mais entusiasmo.

E' preciso lutar pela vida, não se deixar vencer pela concorrência e por-se ao corrente do progresso material...



PELA SOROGABANA

Em viagem de cobrança e de propaganda do nosso jornal, começo a percorrer a linha Sorocabana o nosso companheiro Emilio Reinosq.

Todos sabem que esta folha vive exclusivamente da contribuição dos seus assignantes, que, por isso mesmo, se devem esforçar para andar em dia com os seus pagamentos, da mesma forma que nós emprestamos toda a nossa actividade ao jornal para dar-lhe a divulgação necessaria.

14 de julho

O Circulo Francisco Ferrer realisará hoje á noite uma sessão de propaganda sobre o 14 de julho em sua sede social, sita á rua da Moeda. A entrada será franca.

EM PELOTAS

Scandit fatalis Machina Muros

Inudidos por Sinon, os troianos demoleam paredes e arrazam a trinchira de Pergamo. Todos se apressam. Rolos são colocados sob os pés do monstro; resistentes cordas o prendem; enorme massa de povo se...

(*) A fatal machina transpõe os muros.

atrela e... scandit fatalis machina muros!

Quão trágico não é esse episodio, em que um povo inteiro trabalha, alucinado, na sua própria perda!

Como contrasta a alegria-céga dos troianos com esse momento terrível em que se prepara o seu proprio exterminio!

Quanto mais horrorosamente contrasta, porém, com o acontecimento lúgubre, essa ingenuidade, essa confiança despreocupada de mancebos e donzelas a auxiliarem o trabalho funesto, atrelando-se jubilosos ao monstro convertido em objecto de seu regosio, quando ameaça, sinistro, a sua cidade, o seu lar, a sua vida!

Loucos, festejam antecipadamente a sua própria ruina, entoando, inconscientes, o cantochão sobre o seu proprio tumulo!

Que lição estupenda, que advertência solene é, para todos, esse quadro horrondo.

Quem nos dá o fulgor da mentalidade de Virgilio para grava-la no espirito de quantos nos lêem, a fim de que compreendessem o paralelo frisanste que existe entre o estratagemas grego e os recursos empregados pelo clericalismo moderno, no sentido de apoderar-se das consciências.

Convencido da improficuidade, nos nossos dias, de meios violentos para o consequimento dos seus fins, recorre o sectarismo obscuro á astúcia, e, por meio dela, vem, desgraçadamente, realizando os seus intentos. Da mesma sorte que outrora os gregos penetraram na heroica cidade que se conservára irredutível ante os embates de hostes aguerridas, preparou o clericalismo um engenho fatal, uma machina verdadeiramente infernal, muito, muitissimo mais temivel do que a grega e hoje, em triumpho, introduz-na no seio desta cidade, sob a forma do bispado!

Como então, a mocidade confiante, tanto como a velhice ludibriada, atrela-se á machina de guerra do clericalismo, ao carro da impostura e, entoando hossanas e desfolhando flores, festejam, inconscientes, a sua morte moral.

Pois esta, a morte d'alma, mil vezes mais horrorosa do que a mais horrorosa das mortes físicas, que traz no seu bójo o moistro óra aqui introduzido festivamente.

E, ao contemplar esse quadro comtristador, não podemos reprimir o brado que nos emana da alma: «Acautela-te povo! Escuta!

Esses homens que se dizem emulos de Cristo são a sua mais flagrant negação!

As pompas de que se cercam apenas se destinam a ofuscar o teu entendimento!

A autoridade que se arroga não é legitima — é escandalosa usurpação!

Impuzeram-te, por meio da tua propria vaidade habilmente trabalhada, esse outro homem que intitulam — principe da Igreja.

E, esse homem é simultaneamente obra e obreiro da impostura.

Ele não representa nem visa os interesses da religião, que são os descrentes; mas aqueles da sua grei, que são os dele.

Ele é a negação viva do Cristo, pois, este não tinha uma pedra sequer em que se repousar a cabeça veneranda: esse homem habita em morada suntuosa.

O Cristo tinha a cobrir-lhe o corpo uma túnica apenas; esse homem se veste de seda e europeus.

O filho do carpinteiro tinha a ornar-lhe a fronte sobre tão sómente a cabelreira basta e o nimbo da verdade; grosseiro cajado amparava-lhe o passo: esse homem oculta o crânio sob a mitra reluzente e empunha o báculo dourado para desviar o teu olhar, a fim de que não desvendes a expressão do seu rosto.

Esse homem não te abençoa em nome de Deus, como afirma por cúmulo de hipocrisia.

Ele simula tal, em adoração a Mammon, pois que o faz por dinheiro e com vistas em futuros proventos.

Hipocrita é ele tambem por exaltar-se como sendo dos primeiros, dizendo-se principe quando o Cristo sentenciou: «Aquele dentre vós que quizer ser o maior seja o vosso servo!»

Ele é hipocrita ainda porque anheia poder e mando — quando o Cristo disse: «Meu reino não é deste mundo!»

Hipocrita é sobretudo porque desvia em beneficio proprio recursos importantissimos, subtraídos ao alivio das misérias, ao amparo dos fracos, enfermos e velhos, quando o Cristo preceitouno: Não vos deixes ao trabalho de possuir ouro!

Ele é a antitesse viva do Cristo porque a religião é um sentimento que desabrocha e floresce sob a égide da abnegação, á sombra do preceito: «Daí de graça aquilo que de graça recebestes»; e esse homem tudo faz pagar, reputando o erro e a mentira á elevados preços.

As suas doutrinas são o mais flagrante desmentido da moral cristã, da religião universal — porque vem dizer que — fóra de sua Igreja não há salvação!

Ao passo que repete: — «Deixai que venham a mim os pequeninos!» — frequenta e se rodeia dos ricos e poderosos, atirando aos pobres as migalhas dos festins que dá e expensas da miséria física e moral.

A título de religião, pratica e prescreve actos dum culto idolatra e pagão, remunerado pela ignorância com usura, quando afirma terem-se desmoronado os idolos e templos do paganismo á simples passagem do Cristo.

Este orava e falava ás massas a luz do sol, nos montes, nos vales e sobre as aguas. O universo era seu templo.

O homem de batina e mitra limita a prece entre as pesadas paredes de suas catedrais, a sua voz, o impulso de sua alma não encontram os limites daquelles edificios; animam pelo alacão de suas intenções, que se...

Jesus a todos atendida solicito e de preferencia aos pobres e estropeados. Esse homem pequenino, que desapparece sob verdadeira montanha de ornamentos, nega o seu auxilio gratuito até quando ele proprio afirma ser indispensavel a salvacao.

Acutela-te povo! Escuta! Estuda com atencao as doutrinas dos Evangelhos e compara-as ás doutrinas e praticas desse homem que hoje penetrou em teu seio.

Esse estudo, essa comparacao te esclarecera sobre as pretencoes e meios desse impostor que se irige em idolo, em fetiche intangivel.

Compreenderas a diferenca que existe entre a verdade cristã pura e aquele amontoado de absurdos e abusos que tal homem tem a ousadia de inculcar como sendo a expressao genuina do cristianismo.

Saberás distinguir o sectarismo ferrenho, o dogmatismo obscuro, da religião de luz que tem por base o amor ao proximo pelo amor de Deus, á verdade, á justiça e que tem por lema:

«Bemaventurados os que tem o coração puro»

Esta não é a religião do mitrado. Ele te aconselha a despirres manto e túnica para poder viver no fausto, sem que nada ofereça para cobrir a tua nudez.

Ele chama *bemaventurada* a tua fome e tua sede, ao passo que se banqueteia.

Ele chama *bemaventurada* a pobreza do teu espirito, que éle habilita a plora.

Aponta-te o céu e te ameaça com o inferno para destrair-te enquanto te alivia as algibeiras.

Manda ganhares ao suor do teu rosto o pão negro de cada dia... para ti e os accepes... para éle!

Nada produz de util, de bom, de belo.

Por toda a parte semeia superstições e erros que lhe trazem ricos saudações.

Faz-te pagar a entrada na vida, lança impostos odiosos sobre todos; os direitos naturais, sobre todos os actos da existência e grava a propria morte com contribuições fraudulentas.

Extorque á viuvez e á orfandade o produto da propria caridade, a humilde e humilhante esmola, a pretexto de salvar tua alma, quando na verdade visa apenas refociliar na ociosidade, a todo o transe.

Em nome do Cristo rouba-te as filhas, introduzindo-as, pela porta infernal do confessorio, no antro da criminosa inutilidade — o convento.

Perverte a tua mulher, impondo-lhe a sua autoridade em detrimento da tua.

Induz os teus filhos a te odiarem, em nome do Deus de amor, quando ousas sublevar-te contra a impostura!

Acutela-te povo! Escuta!

Repele sem piedade esse corifeu da mentira arvorado em representante de Deus.

Expulsa sem dó do teu lar quando lá se apresentem os seus emissários de qualquer sexo.

Estes vigilantes. Não te deixes ludibriar pelo canto de sercia desses profanadores do cristianismo, desses iscarotes modernos.

Responde-lhes que amas a tua prole, os teus semelhantes; que cultuas o dever, a verdade, a justiça, o bem, e que é essa e não a deles a religião de Cristo.

Dize-lhes que a humanidade necessita de luz e de amor, e não das trevas e dos odios do sectarismo interesseiro.

Basta de abusos e de crimes, de erros e mentiras, de torpezas e de vergonhas, fomentadas á sombra da religião.

Que esta mais não é do que o sentimento de solidariedade universal, cultivado a todo o momento, no lar, na escola, na officina, na rua, no cárcere, no hospital, no proprio lupanar.

Que a religião é a abolição de todos os preconceitos e de todos os privilégios. Que ela é a fusão, em suma, em um só rebanho, da humanidade inteira, tendo como pastor o Cristo, personificando o ideal superior da justiça, a conduzirmos ao reino da paz, ao reino da fraternidade, ao reino de Deus, na terra como nos ceus!

Quando não, ai de ti povo!

Como os habitantes de Troia terás entoadado o teu ultimo canto, o canto da morte, sobre a tua propria alma!

Verô.

Bilhetes e recados

Itauna — F. P.: Seguiram os pacotes pedidos. Daria uma boa noticia o tal facto. Que acha? Saudações.

Américo Brasiliense — J. C.: Fizemos a transferencia de sua direcção. Saudações.

Monte Azul — F. R.: O jornal do assinante indicado tem sido remetido para Bebedouro desde que o amigo isso nos recomendou. Saudações.

Florianopolis — C.: Recebemos o jornal e o boletim. Esplendidos! Não nos deixe sem uma correspondência sobre o caso. Saudações companheiros de luta dai.

Pitangui — J. M. de F.: Já seguiram os ns. que nos pediu.

Rio Claro — B. J. F.: Agradecemos pela solicitude com que nos prestas as informações por nós pedidas. Saudações.

Ribeirão Preto — J. R. de O.: Recebemos sua carta, a qual vamos responder. Vamos distribuir os estatutos. Saudações.

"HUMANIDAD"

Excelente revista quinzenal de educação e cultura social, de Valencia, Espanha.

Assinatura, ano, 5\$000.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser endereçados ao representante J. M. Bueno, Rua Nova S. José, 97, S. Paulo.

"A Sementeira"

Publicação mensal ilustrada de critica e sociologia de Lisboa.

Inserer retratos e biographias de escritores e artistas revolucionarios e livres pensadores, como (entre os ultimos publicados) Wagner, Enas Goldman, Tohermichevsky, Hapisardi, Guyau.

Assinatura anual: 1\$200 (moeda brasileira).

Assina-se nesta redacção.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1887

Excusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Ferreira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 60

— S. Paulo —

O espadachim acentuou as suas palavras com uma gargalhada fúnebre e inclinou-se para o padre:

— Compreendi bem o vosso pensamento, mestre?... Não é verdade que o condenastes?... Não é verdade que contastes comigo para...?

— Basta! ordenou Gerfaut.

E com os olhos baixos, ajuntou lentamente:

— Faze o que o teu coração e o interesse da Igreja te mandem. Farnac levantou-se e disse:

— Basta! Amanhã cedo estará morto esse homem!

E dirigiu-se rapidamente para um postigo lateral praticado no flanco da basilica.

O arcepreste contemplou com admiração o esbelto e nervoso porte do valentão que se afastava com a mão no punho de aço brunido da sua espada. Um sorriso de alegria feroz lhe iluminou o rosto, como um relâmpago ilumina um céu livido de tempestade. A seu turno, levantou-se.

Agora Gerfaut falava ao povo atento e mudo. Com a vista no céu, a fronte inspirada, dava os sublimes resultados da sua oração. Deus queria o perdão!... E, apontando para Salvério com grande inoção no gesto, acabou por dizer:

— Esse homem está livre!

A multidão agitou-se, vacillou um instante. Depois estalou, de uns para os outros, uma tempestade de aplausos e aclamações. Salvério permaneceu alheio e pensativo, procurando compreender. Flor de Maio aplaudiu com o povo.

— Oh! como sois bom! disse ela a Gerfaut.

O padre curvou-se para eis do adito, murmurando com voz ardente:

— Por tua causa; por tua causa, fica sabendo, só por tua causa é que lhe perdôo...

A' venda em nossa redacção:

História da Luta entre a Ciencia e a Teologia
POR
A. D. White

Antigo reitor e professor de Historia da Universidade de Cornell e embaixador norte-americano em Berlim.

Versão portuguesa de

Carlos Babo e Manuel Bravo

Volume de bom formato (22 por 16), de 500 paginas, papel assestinado, edição emendada, brochado com capa ilustrada.

Preço 3\$000

É uma das mais notaveis obras sobre o assunto, tratado com seriedade de proposições, profundidade de vistas, vasta erudição e criterio verdadeiramente científico. Tem sido traduzida em varias linguas, sendo a versão portuguesa feita com conscienciosa fidelidade, prefaciada e anotada com competencia. É um livro emfim que se pode aconselhar afoitamente.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymond Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2\$500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3\$000 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 2\$500. Pelo correio, 3\$000.

'A Velhice do Padre Eterno'

Temos novamente a venda, a 2\$000 o exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

'A LANTERNA'

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornaes, do sr. Antonio Seafuto, rua 15 de Novembro, 51;

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Conselheiro Ramalho, 166.

Salão de Engraxate, largo da Sé, 5.

'A Lanterna' no Interior

É encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Salles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogi das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Em Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Alnotti & Irmao.

Em Cataguazes, com o sr. Felonel Barbosa, largo do Comercio 1 — A.

Em Florianopolis, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4.

Em Curitiba, na agencia dos srs. Pajuba & Reis, rua 15 de Novembro, 5.

'A LANTERNA' NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE CRITERIUM, largo do Rocío, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua do Onvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quesada.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsal.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua 1.º de Março, agencia do sr. Mandarino.

Rua Urugayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 55, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compa.

Rua Souza Franco, 64, Villa Izabel, com o sr. Pedro E. Matosa.

Largo dos Leões, com o sr. Natan Carelli.

VENDE-SE

TERRENO EM SANTOS

Vende-se um magnifico terreno medindo 14 metros de frente por 50 de fundos, sito á rua Dr. Manuel Carvalho, fazendo esquina com a avenida do Canal. Trata-se nos dias uteis com o sr. José Leite, á rua Eduardo Ferreira, 1 (Armazem).

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espediando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor o fabricante

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burchard, 146 — S. Paulo.

Coelho liquido Halley

É o melhor e o mais barato. Uma colher de coelho basta para coagular em litros de leite.

Vendas condicionaes: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado aceita-se o vadio mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 341

Bello Horizonte

enganar? Bastar-me-ia ter feito um sinal e estareis morto...

Salvério refletiu um minuto. Largo o braço de eclesiástico e disse:

— E' certo!

— Amanhã, proseguiu Gerfaut, amanhã a esta hora estareis aqui... E tudo sabeis... Juro-o pela minha parte de paraíso... Sim... sim, amanhã a esta hora, vindes ter comigo e juro que decerto tudo...

— Seja! atilhou Salvério; amanhã as oito estarei diante do pórtico desta igreja.

Deixou então de fixar o sacerdote, que recou e pareceu ocupar um lugar imutavel entre os santos de pedra alpinhos havia séculos...

Salvério voltava-se para Flor de Maio, e com uma voz que, de rude que era, se fez suave, terna... com ternura paternal, disse-lhe:

— Minha filha, os nossos dois encontros são bastante salientes para que eu queira conhecer-vos melhor... Permittis?... Quereis dizer-me onde morais?

— Ah! disse a moça tremendo ainda e indicando uma casita baixa, quasi defronte da igreja.

— Amanhã, minha filha, me vereis... Sinto que tenho muito que dizer-vos... Infilimos talvez beneficamente um sobre o outro... Se tendes mágoas, esperai... Suceda o que succeder, desde já desejo que se saiba bem que fazer-vos o menor mal seria fasto-lo a mim proprio... Se algum ousasse ameaçar-vos, accitaria eu o reptô... e então, ai dele!...

Salvério dirigiu successivamente o olhar a Gerfaut e a Flor de Maio. Depois, dirigindo-se ao mesmo tempo a ambos, disse:

— Até amanhã!

— Até amanhã! confirmou Gerfaut, que murmurou por entre dentes!

Gesu Cristo non è mal esistito

A cura della Casa Editrice Mercedès Gomes Ristori, è uscito dai torchi lo splendido libro di Milesbo (avv. Emilio Bossi): *Gesu Cristo non è mai esistito*.

Impossibile è dare un'idea, sia pure approssimativa, della magnificenza e dell'importanza del libro in una breve recensione.

Il libro che raccomandiamo caldamente ai compagni ed agli studiosi in generale, trovasi in vendita al prezzo di 2\$000, spese postali in più.

Le ordinazioni accompagnate dal relativo importo, possono essere indirizzate alla nostra redazione, o direttamente alla Casa Editrice Mercedès Gomes Ristori, Caima 1167 — S. Paulo.

Biblioteca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porto e registro do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Injurja del Clero, segun los concilios

El Diablo, por Roberto Robert.

Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.

El Romanes Antieherial, por varios autores (primeiro tomo).

El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Oriéix.

Historias de la sorte celestial, por Narciso Campillo.

Monja Secreta de los Jesuitas.

A Una Madre, por Ramon Chias.

La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª série em publicacão:

Dios, por Suñer y Capdevila.

Los Milagros por Roberto Robert.

Lo que comen los enras, por Frey Gerardo.

Viaje al Inferno, por José Nakens.

La libertad de ensiñanza, por Edmundo Gonzalez.

La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.

Sonetos Píadosos, por varios.

Retratos de José Nakens, 1\$000 réis.

Fazenda á venda

Em Bello Horizonte

Vende-se uma esplendida fazenda situada a 2 leguas desta capital, contando magnificas culturas, matias para lenha, boas invernadas em pastos fechados, 2 moinhos, engenho e machinismos para canna e fabricar asnoar, etc.

Tem superiores e abundantes quedas d'agua, 3 carros de bois com suas respectivas boiadas; gados: bovino, suino e cavallar para criar, etc.; 260 alqueires de terras judicialmente divididas, além de estar ligada a terras devolutas e aproveitaveis.

A casa de morada é completamente isolada das demais dependencias, como sejam: engenho, depositos, etc.

É servida por um 'épé de estribo' da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Trata-se com Nicomedes dos Santos, á rua de Pernambuco, 205.

Bello Horizonte (Minas).

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS

M Gerki, *Os amassadores* . . . \$200

A. de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* . . . \$200

H. Malatesta, *Programa socialista anarquista-revolucionario* . . . \$100

Pedro Kropotkin, *O Comunismo Anárquico* . . . \$100

Prof Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* . . . 1\$000

B. Peres Galdós, *Electra*, (drama antieherial em 5 actos) . . . 1\$000

Mezma Botta, *O Papa Negro* . . . 2\$000

Otaviano Reinelt, *Um como não ha muitas*, (comedia de costumes nacionaes e 2 actos) . . . 1\$000

Carlos D'as, *Senando para Colher* . . . \$800

Paulo Bertheloth, *Evangelho da Hora* . . . \$200

Gnorra Janqueiro, *A velhice do Padre Eterno* . . . 2\$000

A. D. White, *Historia da Luta entre a Ciencia e a Teologia* . . . 3\$500

EM ESPANHOL

Rutgers, *Las Guerras y la Bendicção de la Poblacion* . . . \$100

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad e Independencia* . . . \$100

C. S. Darrow, *Crimes y Criminales* . . . \$100

André Girard, *Educación y Autoridad Paternal* . . . \$100

EM ITALIANO

Dottor Nicolò Coverti, *Una cosa è il Socialismo* . . . \$100

Romano di una Donna, *Angelo Longaretti* . . . 1\$000

Almanacco Libertario illustrato 1909 . . . \$300

EM FRANCÊS

Las Prisons, Pierre Kropotkin, *L'Esprit de Révolte* . . . \$200

René Chaugli, *La Femme Esclave* . . . \$100

Jean Grave, *L'origine positive de l'Etat* . . . \$200

Eliézer Reclus, *A mon Frere le Paysan* . . . \$200

Jean Grave, *Si j'avais à parler aux Electeurs* . . . \$100

Charles Albert, *Patrie, Guerre, Coserme* . . . \$200

Eliézer Reclus, *Evolution e Revolution* . . . \$200

Urban Gobier, *Aux Femmes* . . . \$100

E. Malatesta, *Entre Paysans* . . . \$200

M. Nettian, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrier* . . . \$200

Marc Pierrot, *Sur L'individualisme* . . . \$200

Louis Blanc, *Quelques Verités Economiques* . . . \$100

André Girard et M. Pierrot, *Le Favelierisme contre l'Etat ouvrier* . . . \$100

Pedro Kropotkin, *Le Salarial* . . . \$100

— *La Morale Anarquiste* . . . \$200

M. Pierrot, *Travail et Surmenage* . . . \$200

Diretor, *Entretien d'un philosophe avec la marchandise* . . . \$100

Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics* . . . \$100

Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique* . . . \$100

Les Temps Nouveaux, *Contre la Guerre* . . . \$200

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importância.

Quanto á menina, foi impossivel saber se era sua filha.

O que de certo havia era possuir La Margotte algum dinheiro, pois oito dias depois da sua chegada comprou e mobilou em frente da igreja de Saint-Vulfran uma bonita casa, na qual logo se instalou. A casa era pequena e compunha-se de rés-do-chão e celeiro; mas por trás estendia-se um jardim cheio de flores na primavera e de frutas no outono.

Falou-se ainda por algum tempo da forasteira que vivia com bastante mysterio. Depois deixaram de se occupar dela. Sómente, á medida que crescia a menina, os habitantes de Abbeville admiravam cada vez mais a sua graça ingenua e a sua adoravel beleza.

Decorreram alguns anos. Sem se saber como nem porquê, succedeu que a Margotte se pôs a vender flores. Esgotara-se sem dúvida o seu peculio, lentamente.

Andava de casa em casa a oferecer os seus ramos, cujo mesquinho produto mal bastava para lhe permitir viver com a menina.

A menina chamava-se Margarida. Mas vindo-a ao lado da Margotte, a correr pelas ruas da povoação, com o seu castito cheio de papoelins, de rosas ou violetas, o povo, com o seu instinto seguro e deliado, completou aquele nome encantador de Margarida com um apelido mais encantador e mais pitresco ainda: Flor de Maio...

Numa formosa tarde de verão — tinha elle então doze anos — Margarida tinha-se demorado nos prados onde fôra segar erva para a cabra de Margotte. Ao regressar apressadamente, cruzou-se com uma carroagem, na qual iam duas formosas senhoras e um adolecente de uns quinze anos.

(Continua).

FOLHETIM DA LANTERNA (2)

MIGUEL ZEVACO
CAVALEIRO DE LA BARBE
Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

Primeira parte

AMOR!

III

O DIA DE AMANHÃ

PERTENCE A DEUS

Não irás ao ponto de encontro... Belleval te substituirá: encarregamo-me de o avisar... Quanto a ti... reserve-te outra missão.

Houve na sombra um ruído áspero e ligeiro: Farnac ria-se sarcasticamente.

— Adivinhei a missão que me destinais.

— Tu! exclamou o padre.

— Eu!... Não é officio meu tudo ver... tudo ouvir... tudo compreender? E não sou eu vosso de corpo e alma?... A prova de ter adirinhado é que cinjo o meu espadagão... o famoso espadagão do meu digno avô.

— E então? interrogou surdamente Gerfaut.

— Pois bem!, replicou Farnac com a mesma ironia, o homem que se encontra sob o grande pórtico... o homem de roupa de veludo... o homem para quem a pequena Flor de Maio vos pediu perdão...

— Continua!

— Eu estava diante da igreja... Quando vi a felleja que a coiza ia tomando, corri á buscar a minha espada... e o perdi... Quando vi surgir Flor de Maio entre a igreja... e rozei por aquele homem.